9 Conclusões

Ao fim deste trabalho, recorro às palavras de Gumbrecht (1997) para evocar o que ele sugeriu ser o quadro das expectativas em relação à produção histórico-literária.

O marxismo não é mais que uma lembrança nostálgica ou embaraçosa, especialmente nas suas ressurreições e reencarnações mais recentes (boas intenções não consertarão uma epistemologia ultrapassada!). A desconstrução se tornou azeda e sectária (existe um ar de mormons em alguns desconstrutores de hoje, com suas roupas pretas), ou foi absorvida pelo clima interpretativo e hermenêutico geral. O charme (e a força) do Novo Historicismo murchou muito rapidamente. E assim por diante. Para piorar as coisas, o autor sente que uma forte pressão está sendo feita sobre a sua geração para que ela apresente algo novo, algo não exclusivamente cético; mas ele não se acha particularmente bom em textos programáticos (Gumbrecht, 199, p. 12)

Assim como o autor acima, percebo hoje uma desconfiança generalizada nos processos de organizar os pensamentos tanto nas áreas dos estudos literários e na área da história. E isso não é de todo um mal, visto que a possibilidade de produções num momento como este poderia ser fértil e interessante, já que não seria preciso se alinhar a qualquer corrente do pensamento da moda para alcançar um imediato reconhecimento nas esferas em questão. Por outro lado, a necessidade de se exprimir com clareza o peso de uma longa tradição e sustentar as propostas com base em pressupostos definidos aproxima de forma insolúvel as propostas ao incomensurável enigma dos rótulos. Gumbrecht ainda sinaliza esta atitude em seu livro, quando comenta que

Embora o livro compartilhe alguns dos *leitmotifs* do que pode ser chamado de "filosofia pós-moderna" (intenção de não pensar a História como um movimento homogêneo e totalizante, a argumentação a favor de uma concepção "fraca" da subjetividade, o fascínio por superfícies materiais), só existe uma razão, o autor acredita, para classificá-lo como "pós-moderno", e esta é uma razão negativa. O autor acredita que a batalha acadêmico-ideológica pela preservação dos valores "modernos" e "modernistas" (isto é, "não-pós-modernos") é uma causa perdida. Mas quem está interessado numa resposta do autor a uma pergunta que ninguém lhe fez? Se o livro não tem uma mensagem política ou ética, deveriam os leitores, talvez considerar a sua forma "a mensagem"? Isto implicaria que o autor espera que muitos acadêmicos irão aprovar, imitar e desenvolver o discurso que ele "inventou". A verdade, porém, é que ele se sentiria quase culpado se este livro criasse um modismo (o que, de qualquer maneira, não parece ser uma ameaça muito séria). Porque, desnecessário dizer, não há uma carência de correntes ou escolas acadêmicas. Talvez o problema seja que, do jeito que as coisas estão, tudo esteja condenado a permanecer um experimento.

Partilhando destas convicções e irmanado das mesmas expectativas, termino este trabalho na certeza de que a proposta deste experimento revela possibilidades para que a história da literatura possa ser vista como uma experiência viva, em movimento. Sem necessariamente transformá-la num recorte parcial ou numa tentativa de representação, e ainda atribuindo a esta obra a capacidade de ser parte de um processo de leitura e formação do leitor em níveis diferenciados não excludentes, acredito ter sido capaz de me afastar de rótulos apressados e de critérios que estabeleçam esta proposta como redentora e salvadora da tradição da historiografia literária. Até porque ainda no primeiro capítulo, questionei se poderíamos ou não chamá-la ainda de uma história da literatura (questão essa que me foi colocada no momento da arguição da minha qualificação para este doutorado).

Assim como Gumbrecht, não tenho medo de que esta proposta se torne um modismo ou uma tendência. Também não desejo um rótulo, além daquele que me aproxima de um espírito construtivista e que se pauta nas ações de indivíduos psico-biossociais. Quanto a sua materialização, espero certamente

transformá-la num produto acessível aos leitores que se interessem pela história da literatura. Mas essa é uma outra história.